



Antíteses

ISSN: 1984-3356

hramirez1967@yahoo.com

Universidade Estadual de Londrina

Brasil

Alves de Almeida, Francisco Eduardo

C.S Forester e a criação do herói Horatio Hornblower: UMA INCURSÃO NA LITERATURA NAVAL
BRITÂNICA

Antíteses, vol. 7, núm. 13, enero-junio, 2014, pp. 60-83

Universidade Estadual de Londrina
Londrina, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193331342005>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

C.S Forester e a criação do herói Horatio Hornblower:

UMA INCURSÃO NA LITERATURA NAVAL BRITÂNICA

***C.S Forester and the creation of the hero Horatio Hornblower:
an incursion on the british naval literature***

Francisco Eduardo Alves de Almeida¹

RESUMO



Em 1899 C.S Forester nasceu no Cairo, Egito. Sua carreira na literatura incluiu livros sobre história, biografias e romances históricos, a maioria com temas voltados para a guerra no mar. Dentre seus romances navais mais conhecidos inclui-se a vida do personagem Horatio Hornblower. Forester foi um estudioso do período napoleônico e Hornblower nasceu de sua imaginação como um oficial de marinha britânico na Armada de Nelson. Em uma série de dez livros acabados e um por terminar Forester percorreu a vida de Hornblower e suas aventuras em luta constante contra Napoleão Bonaparte. Dotado de uma fértil imaginação, Forester baseou seu personagem em Horatio Lord Nelson e em Thomas Cochrane, ambos heróis britânicos desse período. Seu último livro da série, ainda incompleto, foi lançado em 1967, um ano após a sua morte. Forester é um dos mais importantes romancistas da literatura naval britânica. O que se pretende com essa investigação é descrever a trajetória de Forester e as aventuras de Hornblower na Marinha Real britânica, procurando identificar pontos de contato com personagens reais do período e analisar algumas características de sua personalidade, como imaginado por Forester.

Palavras-chave: *Horatio Hornblower. C.S. Forester. Marinha Real britânica. Poder Marítimo. Literatura Naval.*

ABSTRACT



C.S. Forester was born in Cairo, Egypt in 1899. His career in literature included books on history, biographies and historical novels , most with themes related to war at sea. One of his best known novel includes the life of a fictional Horatio Hornblower. Forester was a scholar of the Napoleonic period and Hornblower was born of his imagination as an officer in the British Navy in the Nelson's time. Forester wrote a series of ten finished and one unfinished books about Hornblower 's life and his adventures in a

¹ Graduado, Mestre e Doutor em História Comparada pela UFRJ. Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Marítimos da Escola de Guerra Naval.

constant struggle against Napoleon Bonaparte. Endowed with a vivid imagination, Forester based his character in Horatio Lord Nelson and Thomas Cochrane, both British heroes of that period. His latest book in the series, still incomplete , was released in 1967, one year after his death. Forester is one of the most important novelists of British naval literature. The aim of this research is to describe Forester life and Hornblower adventures in the Royal Navy, seeking to identify points of contact with the real characters of the period and analyse some features of his personality, as imagined by Forester.

Keyword: Horatio Hornblower. C.S. Forester. Royal Navy. Sea Power. Naval Literature.

Introdução:

O romance histórico vem, cada vez mais, caindo no gosto do público em geral. A avidez com que as pessoas compram romances históricos vem sendo um motivo de grande alegria para os autores, assim como para as editoras. Depois da descoberta desse gênero, cujo grande representante foi Alexandre Dumas, o romance histórico se estabeleceu definitivamente. A série histórica francesa “Os Reis Malditos” em sete volumes, baseada na corte francesa, a partir da dissolução dos templários por Felipe IV, o Belo, escrita por Maurice Druon ainda bate recordes de vendagem não só na França, mas também aqui no Brasil. Da mesma forma, na literatura britânica, Eleanor Alice Burford Hibbert, mais conhecida pelo pseudônimo de Jean Plaidy, procurou descrever a saga plantageneta desde a assunção de Henrique II ao trono inglês, conduzindo uma pesquisa histórica intensa e detalhada, em uma série de quatorze volumes que foi uma das séries mais vendidas no Reino Unido no século XX.

O Reino Unido, com sua ampla tradição marítima, que remonta ao reinado Tudor de Henrique VIII, produziu muitos autores voltados para o romance histórico naval. Um dos mais destacados foi Patrick O’Brian que, tendo como contexto as guerras da Revolução e Napoleônicas, criou um personagem, o comandante Jack Aubrey que, no comando de diversos navios de guerra ingleses, combateu intensamente os franceses nesse período. Essa série de vinte e um livros motivou a produção de um filme em 2003, que levou o nome de *O Mestre dos Mares*, estrelado por Russell Crowe e Paul Bettany que compuseram os personagens Jack Aubrey e seu sempre presente amigo, o cirurgião Stephen Maturin, respectivamente, sendo um recorde de público e de renda. O romance histórico que se transfigurou de literatura em obra cinematográfica.

Há que se considerar que O’Brian já teve muitos de seus livros traduzidos para o português na série “Mestre dos Mares” envolvendo o Comandante Jack Aubrey. Entretanto ele não foi o primeiro a investir na literatura naval britânica no século XX. Embora pouco conhecido no Brasil, outro autor antes dele já havia mostrado a pujança desse gênero literário. Seu nome: Cecil Scott Forester.

Nascido em 1899 no Cairo, filho de pais ingleses, Forester desde cedo demonstrou pendor para a literatura publicando em 1924 uma biografia sobre Napoleão Bonaparte, *Napoleon and his court* (Napoleão e sua corte), obra que lhe rendeu boas críticas. O período napoleônico lhe era um dos favoritos e após essa biografia do Grande Corso seguiu-se uma outra, dessa feita de Josefina, mulher de Napoleão que também lhe deu muitas alegrias. Da obra de história para o romance histórico foi um pulo rápido.

Em 1937 Forester criou o personagem que o imortalizaria, Horatio Hornblower. Oficial da Marinha Real britânica, destemido, excelente marinheiro, honesto e patriota, Hornblower representava tudo o que era correto em uma luta contínua contra os inimigos franceses liderados por Napoleão.

Da mesma maneira que o filme *O Mestre dos Mares* adaptado de alguns livros de Patrick O'Brian, as novelas históricas de Forester motivaram muitos filmes que fizeram sucesso como por exemplo o *Hunting the Bismarck* (Afundem o Bismarck) de 1954 com Kenneth More e Dana Wynter e o *Captain Horatio Hornblower* de 1951, que teve o título no Brasil de *O Falcão dos Mares*, estrelado por Gregory Peck que representou o próprio Comandante Hornblower em suas diversas aventuras contra os adversários franceses e espanhóis.

O que se pretende discutir neste artigo é a vida e trajetória de Forester desde a sua chegada na Inglaterra vindo do Egito, onde seu pai foi funcionário governamental pelo Reino Unido até o seu falecimento com 67 anos de idade nos Estados Unidos da América, já reconhecido como uma das principais personalidades literárias de novelas navais na língua inglesa. Em seguida pretende-se analisar a criação e a construção do herói Hornblower por parte de Forester em sua série de onze livros e a correlação existente entre esse personagem fictício com a própria história da Armada Real britânica e seus grandes vultos em um período histórico, o século XVIII, que desembocaria no que ficou conhecida como *Pax Britannica* já no século seguinte.

A trajetória de Cecil Scott Forester

Cecil Scott Forester nasceu no Cairo em 27 de agosto de 1899, filho de um professor inglês ligado ao Ministério da Educação egípcio. Cedo veio para a terra de seu pai juntamente com seus cinco irmãos, quando se estabeleceram em Camberwell em Londres. Com apenas três anos de idade freqüentou uma escola pública inglesa, já sabendo ler e escrever em razão das aulas ministradas por seus irmãos mais velhos.

Embora tivesse cinco irmãos Forester era uma criança solitária assim se dedicou a leitura de romances e de livros de história, preferindo os textos de Robert Michael Ballantine, Samuel Rutherford Crockett, William Makepeace Thackeray, Jane Austen, Henry James, H.G.Wells e do historiador Edward Gibbon com o seu clássico *Declínio e Queda do Império Romano*, um de seus livros preferidos. Uma visita ao Museu Naval de Greenwich viria a despertar seu interesse por assuntos navais, principalmente no período de vida de Horatio Nelson, o século XVIII.

Já no secundário Forester, que se transformou em um brilhante aluno, freqüentou a Alleyn's School, um passo importante para cursar o Dulwich College, uma prestigiada instituição pública. Nesse College Forseter assistiu a declaração de guerra do Reino Unido ao Império da Alemanha em 1914. Contava ele com 15 anos de idade com desejo e ânsia de participar do conflito. Sua pouca idade impediu que se alistasse, embora muitos de seus amigos mais velhos tenham tido essa chance.

Em 1917, ainda com dezessete anos, finalmente atingiu a idade suficiente para se alistar. Desejava servir na infantaria e encontrar uma trajetória heróica nas trincheiras da frente ocidental ou pelo menos morrer tentando. Imediatamente ele foi encaminhado para uma junta de saúde para efetivar o seu engajamento. Ao ser examinado por um médico do exército foi constatada grave doença cardíaca, o que motivou a sua dispensa de servir e com isso grande frustração. Disse com muita amargura, muitos anos depois, o que sentiu naquele momento de dor e ressentimento:

A junta médica do exército, assim entendia, era pró-forma...esperava que tudo aquilo terminasse em cinco minutos...no entanto o médico que posicionou o estetoscópio em meu peito (isso foi uma surpresa para mim uma vez que não esperava tal refinamento) não ficou satisfeito. Ele então chamou um colega que também me auscultou...e me fizeram perguntas. Ninguém me deu a sua avaliação. Ao invés disso me foi ordenado que colocasse as roupas e que encontrasse os meus documentos com o atendente na entrada. Quando o encontrei ele estava ocupado escrevendo em meu prontuário em carmim...afirmando que fora rejeitado por problemas médicos. (STERNLICHT, 1999, p. 23).

Essa rejeição o deixou extremamente deprimido, uma vez que sua geração estava sendo testada no campo de batalha e ele, por uma questão da qual nem imaginava, uma doença cardíaca, se afastava do que imaginava ser a glória suprema em defender o Reino Unido. Esse sentimento iria influenciar sobremaneira a sua forma de escrever no futuro e suas motivações literárias.

Em 1918 verificando que suas chances de obter notoriedade nos campos de batalha foram perdidas, Forester se inscreveu no curso de medicina no Guy's Hospital. Acreditando que essa carreira traria, além de satisfação pessoal, um reconhecimento social, cedo se desiludiu. O currículo do curso não o agradou e em breve o aluno promissor se transformou em um freqüentador assíduo do clube dos estudantes do hospital, onde bebidas, cartas e diversão eram a tônica. Aproveitando essa vida boêmia, Forester começou a escrever artigos humorísticos para a gazeta do hospital, além de novelas e sonetos. A ele, escrever parecia mais interessante e agradável. O fim de sua vida de estudante de medicina ocorreu nos exames semestrais nos quais falhou redondamente. Escolhera a literatura como alternativa e a ela estaria ligado pelo restante de sua vida.

No início da década de 20 do século passado, Forester se uniu a um grupo de artistas, poetas, escritores e dançarinos que perambulavam pelo bairro boêmio de Chelsea no Greenwich Village em Londres. O contato com esse grupo fez com que iniciasse a escrever novelas que, em princípio, tinham pouco refinamento. Ele escrevia por instinto e não possuía as técnicas necessárias para escrever novelas e textos com qualidade. No entanto aos poucos foi se aperfeiçoando. Somente em 1924 ele escreveu seu primeiro livro, que levou o nome em inglês de *A Pawn among Kings* (O Peão entre Reis) uma novela sobre Napoleão e a invasão da Rússia que culminou no incêndio de Moscou. Forester já mostrava uma preferência pelas novelas envolvendo o período napoleônico e uma fixação no personagem corso. Essa novela não lhe trouxe prazer, mas ao contrário, ela lhe foi difícil de escrever. Os lucros com essa publicação levaram mais de um ano para lhe chegar aos bolsos.

Nesse mesmo ano de 1924, o seu editor da Methuen & Co percebeu que em Forester existia um escritor de grande potencial, principalmente ao lidar com temas do período napoleônico e assim o convidou para escrever outra novela sobre Napoleão, o que viria a ser o *Napoleon and his Court* (Napoleão e sua Corte), escrita em um estilo grandioso a la Thomas Babington Macaulay. Tratava-se de um livro de história e tanto a sua editora como o *Times Literary Supplement* fizeram elogiosas referências a esse trabalho. Aos poucos Forester começou a receber dividendos por esse livro e novas encomendas surgiram, a principal delas uma biografia sobre Josefina, mulher de Napoleão.

Esse texto lhe deu enorme prazer tanto na pesquisa, com muitas horas de leitura no British Museum, quanto na escrita, embora certamente Forester fosse melhor romancista que historiador, em razão principalmente de sua pouca familiaridade com as técnicas historiográficas e de pesquisa.

O ano de 1926 foi de intensa agonia, ao mesmo tempo de intensa alegria para Forester. Ele escrevera uma novela chamada de *Payment Deferred* (Pagamento Adiado) que considerou de boa qualidade, no entanto os editores não apareceram para publicá-la e somente após meses de agonia John Lane, um editor que teria grande importância para ele e a ele se associaria em outros projetos, resolveu publicar esse texto. Após dez meses de espera

o livro foi um estrondoso sucesso, motivando, inclusive, uma peça teatral estrelada pelo conhecido ator de teatro Charles Laughton no St. James Theatre em Londres. Um crítico literário do *London Daily News* declarou em um editorial que o *Payment Deferred* era “um estudo notável de suspense e terror”. (STERNLICHT, p. 47) Outro motivo de alegria foi seu casamento com uma bela jovem de 24 anos de idade, chamada Kathleen Belscher que lhe daria dois filhos.

A essa biografia seguiram-se duas outras que não lhe trouxeram tanto prazer. O primeiro trabalho, *Victor Emanuel II and the Union of Italy* (Vitor Emanuel II e a União da Itália) de 1927 e *Louis XIV King of France and Navarre* (Luis XIV, rei da França e Navarra) de 1928. Mais tarde Forester declararia a respeito desses dois trabalhos que “eram os piores textos que tinha feito, escritos sobre assuntos que não dominava e o único motivo em escrevê-los era o valor de vinte e cinco libras que recebi nas suas submissões” (STERNLICHT, p. 30).

No ano de 1929 Forester escreveu duas novelas que tiveram grande aceitação no mercado editorial inglês. A primeira chamada *Brown on Resolution* (Brown em Resolução) sobre a estória de um marinheiro na Marinha Real e a segunda uma biografia de um de seus grandes heróis, o almirante Horatio Nelson, que seria um dos personagens por ele baseados para construir a sua principal criação, o comandante Horatio Hornblower.

A novela *Brown on Resolution* pode ser considerada a primeira estória naval bem sucedida de Forester. Nela o autor iniciou o texto com um certo marinheiro inglês chamado Albert Brown, que se encontrava à beira da morte na Ilha da Resolução no Arquipélago de Galápagos no Pacífico. Como em flashback a estória retrocedeu vinte anos quando o comandante R.E.S Saville-Samarez da Marinha britânica teve um caso de amor proibido com uma jovem chamada Agatha Brown que dele ficou grávida. Agatha foi então expulsa de casa em razão da gravidez indesejada e desse amor proibido nasceu Albert, o principal protagonista da trama. Ao ser expulsa de casa Agatha foi morar em Camberwell, um subúrbio de Londres, onde Forester viveu inclusive. Em princípio ela imaginou o filho um aspirante a oficial, no entanto veio a morrer antes de ver seu sonho realizado. Sem recursos para atingir o oficialato, Albert se agregou à Marinha britânica como um simples marinheiro. Nesse ponto da estória Forester fez uma crítica explícita ao sistema de separação por classes de oficiais e das praças. Em agosto de 1914 a guerra se iniciou entre o Reino Unido e o Império alemão. Albert estava servindo em um velho cruzador o *HMS² Charybdis*. Imediatamente esse navio foi enviado ao Pacífico para caçar cruzadores alemães que atacavam o tráfego marítimo inglês. Em breve o *Charybdis* encontrou um inimigo mais potente o cruzador alemão *Zieten*. Um rápido combate ocorreu e o *Charybdis* foi afundado, sobrevivendo apenas três marinheiros, dentre eles Albert. Forester descreveu de modo dramático o afundamento do *Charybdis*:

² HMS significa His Majesty Ship ou navio de sua majestade.

Em trinta segundos o Charybdis passou de algo vivo para um ente morto, de um navio de combate a um casco de aço retorcido descendo das águas ensolaradas do Pacífico para as profundezas escuras desconhecidas. (FORESTER, 1929a, p. 92).

Albert foi então largado na Ilha da Resolução com os outros dois colegas gravemente feridos. O *Ziethen* permaneceu fundeado nessa ilha se recuperando de avarias ocorridas durante o combate com o *Charybdis*. Albert conseguiu furtar um fuzil e manteve um intenso combate com os alemães até ser abatido e morto. Conseguiu, no entanto retardar a saída do cruzador inimigo por 48 horas, o que motivou o encontro do vaso alemão com o cruzador inglês mais poderoso o *HMS Leopard* que destruiu o navio alemão, não sobrevivendo nenhum marinheiro inimigo. O comandante inglês do *Leopard* era o capitão-de-mar-e-guerra Saville-Samarez, seu pai, uma ironia do destino. O filho desconhecido morreu para incrementar a reputação de seu pai. Ao final Saville-Samarez foi promovido a almirante por sua ação ao destruir o *Ziethen*, auxiliado, sem saber, por seu desconhecido filho. Forester com essa novela quis demonstrar que os pequenos atos individuais podem fazer a diferença quando se fala em ações de combate. Enalteceu a coragem, o desprendimento e o sacrifício de um simples marinheiro, Albert Brown, que com seu ato heróico permitiu uma vitória para a Marinha Real britânica, uma das grandes paixões de Forester.

Sua próxima biografia foi sobre o herói inglês Horatio Nelson, morto em combate na batalha de Trafalgar em 1805. Nessa obra de história Forester iniciou seu relato apontando a documentação primária que lhe serviu de referência, para em seguida descrever a trajetória de Nelson desde o seu nascimento em Burham Thorpe até sua heróica morte em combate. Um dos pontos interessantes em seu texto foi a sua descrição do relacionamento amoroso de Nelson, homem casado, com Lady Emma Hamilton, esposa de Sir William Hamilton, representante britânico no Reino das Duas Sicílias. Sua descrição desse trio amoroso é interessante e vivaz. Diz Forester:

Eles encontraram um cavalheiro muito quieto em uma roupa negra, sem dentes, amarelado, encarquilhado, com espírito hospitaleiro e muito polido, aquele que eles souberam ser o mais feroz e brilhante marinheiro de toda a Marinha [Nelson]. Distinguia-se uma mulher muito alta, imensamente robusta, com uma compleição desgastada, grosseira nos modos e começando a ficar grosseira também na aparência, com uma tendência a beber mais champanhe que o necessário, no qual um desejo após o outro, após deixar a mesa, era jogar cartas.[Emma] Em algum lugar ao fundo havia uma sombra de um homem, elegante no vestir e no comportamento, apesar de sua coluna estar fletida e seus passos vacilantes pelo avançar dos anos, que parecia gastar seu tempo cuidando dos cachorrinhos e dos apoios para os pés da mulher e que qualquer um que desejasse conversar com ele,

adivinharia que ele gostava de uma calma pescaria no qual infelizmente tinha pouca chance de desfrutar.[Sir William] (FORESTER, 1929b, p. 272).

Essa descrição do trio amoroso que escandalizou a sociedade inglesa do período, parece estar condizente com a descrição de Nelson, Emma Hamilton e seu marido Sir William Hamilton que os biógrafos apontam. Existem alguns pontos da biografia de Nelson que serão aproveitados por ele para compor o personagem Horatio Hornblower, uma oficial de marinha que viveu no mesmo período que Nelson e que viria a se distinguir durante as Guerras Napoleônicas. Algumas das características da personalidade de Hornblower, como será visto, se assemelham em muito as de Nelson.

Entre 1924 e 1931 Forester publicou nove novelas, cinco biografias e dois livros de viagem, alguns com pouco sucesso, muitos com grande aceitação de crítica e de vendas. Nesse ano de 1931 Forester escreveu a novela *Death to the French* (Morte aos Franceses) na qual retornou a um tema que lhe era muito caro, as Guerras Napoleônicas. Nesse livro ele discutiu a participação de um personagem fictício inglês de nome Matthew Dodd na chamada Campanha Peninsular em Portugal em 1810. Na estória Dodd, que pertencia ao exército de Wellington, se viu afastado de suas linhas após combate contra os franceses e se agregou a guerrilha lusitana contra esses invasores. Depois de diversas aventuras e atos heróicos, Dodd retornou a seu regimento incapaz de descrever o que passou. Sua liderança e coragem não foram observadas e ele voltou a ser um simples soldado inglês leal a sua bandeira e a seu regimento. Forester, com essa novela quis demonstrar que os atos heróicos realizados pelos homens necessitam ser publicizados para terem reconhecimento. Para ele, no entanto, o mais importante não era a publicidade do ato, mas o ato em si, a certeza de que o heroísmo podia brotar de qualquer combatente que tivesse honra e coragem, não importando sua condição social e posto hierárquico. Dodd para Forester era o soldado patriota ideal.

Outra novela escrita por Forester sobre a Guerra Peninsular levou o título de *The Gun* (O Canhão) e tratou da estória de um canhão de bronze e com esse título ele quis demonstrar que em torno de uma simples peça de artilharia, poderiam ocorrer atos de bravura, de covardia, de glória e derrota, de superação e medo. Trata-se assim de uma abordagem em que o principal personagem da novela foi um ser inanimado, uma ousadia que deu frutos, já que o *New York Times Book Review* classificou esse livro como “uma brilhante e imaginativa reconstrução de um período” (NEW YORK BOOK REVIEW, 1933, p. 13). A essa novela seguiram duas outras *The Peacemaker* (O Pacificador) de 1934 e *The African Queen* (A Rainha Africana) de 1935 que tiveram boas aceitações no mercado britânico. A primeira, tratando de um tema de ficção científica no estilo H.G.Wells, uma derivação fundamental de seu estilo textual e a segunda, a estória de uma heroína Rosie Sayer, uma irmã religiosa

trabalhando em uma missão britânica em um local chamado de África Central Alemã, o que poderia ser hoje a Tanzânia, no início da Grande Guerra de 1914.

Em 1936 Forester escreveu uma novela que ele mesmo considerou uma de suas melhores. Ele a chamou de *The General* (O General) e seu personagem foi o Tenente-General Sir Herbert Curzon, um modelo de comportamento militar típico da guerra de 1914. Inflexível, disciplinador e pouco avesso a novas tecnologias, Curzon, segundo a imaginação de Forester, espelhou o general típico dessa guerra, que era capaz de conduzir milhares de jovens às suas mortes com uma simples ordem.

Curzon iniciou sua carreira em Sandhurst e subiu na carreira com méritos, destacando-se na Guerra dos Boeres até chegar ao posto de major, logo no início da Grande Guerra. Distinguiu-se nessa guerra por sua bravura e sua firmeza junto a seu regimento. Combateu galantemente em Ypres, no entanto seu casamento com a filha de um duque o catapultou para maiores vôos. Rapidamente foi promovido a Tenente-General e veio a comandar um corpo de exército. Imbuído pelo cumprimento de ordens sem questionamento, Curzon determinou um ataque desmedido em março de 1918, quando seu corpo de exército foi dizimado pelos alemães e ele mesmo foi ferido, perdendo uma perna nesse combate. Como um capítulo derradeiro ao triste final de vida de Curzon, ele veio a perder o único filho do casal e não mais pode ter herdeiros. Sua vida passou a ser um campo estéril vivido de lembranças, sem amor e sem carreira. Forester com essa novela quis demonstrar a incompetência e os erros de uma geração completa de generais que conduziu milhões de soldados à morte certa na Grande Guerra. Viria a dizer que “escrevi o *The General* com um ponto de vista definitivo de que houve considerável estupidez no comando do exército britânico durante a última guerra [de 1914-1918]. Era meu propósito mostrar o que foi ruim e apontar o que deveria ser corrigido”. (STERNLICHT, p. 87). Como uma novela crítica o *The General* foi estupenda, indicando a futilidade dos chefes em cumprir uma ordem em combate que não levava em consideração a morte inútil de jovens ainda na flor da idade. Era uma crítica em defesa de seus amigos mortos nos campos de combate na França e uma forma de purgar a frustração de não ter sido aceito pelo exército para aquela guerra que considerava “santa”.

O período compreendido entre 1937 e 1946 foi de muita atividade para Forester. Nove novelas foram produzidas, inclusive um trabalho voltado para as crianças. Em 1940 ele escreveu uma biografia ficcional contando a terceira e mais desastrosa das viagens de Cristóvão Colombo à América, iniciada em 1498. Forester deu o nome de *Earthly Paradise* (O Paraíso na Terra) uma ironia, pois Colombo, por certo, não encontrou nessa viagem o paraíso por ele esperado no Novo Mundo. O mais interessante de seu relato é que Colombo foi visto sob os olhos de Dom Narciso Rich, um agente do rei Fernando e a rainha Isabel que deveria assumir uma postura passiva na trama. Apesar do esforço de Forester para imprimir vigor a seu relato e centrar as suas ações no personagem principal, Cristóvão Colombo, em

verdade quem se sobressaiu no texto foi exatamente quem relatou a estória, sob a pena de Forester, Dom Narciso Rich. Essa mudança de ênfase em outro personagem esvaziou o suposto elemento central do texto, Colombo, denotando com isso um caráter dúbio e vacilante do genovês, trazendo com isso uma percepção de falta de verdade no texto que decepcionou o leitor. Dom Narciso passou a ser o grande personagem da novela, uma intenção não imaginada por Forester. Por essa duplicidade de visão críticas severas foram escritas e Forester só viria a escrever outro evento histórico de modo ficcional em 1959 quando escreveu *Hunting the Bismarck* (A caça do Bismarck).

Com o início da Segunda Guerra Mundial, Forester se voluntariou para uma função no Ministério da Informação no Reino Unido e de lá foi destacado para os Estados Unidos da América aonde foi responsável por roteiros de filmes da propaganda. Nessa função ele teve a oportunidade de entrevistar diversos oficiais da Marinha Real britânica e colher suas impressões sobre os combates navais contra os alemães. Desse período nasceu a sua novela de 1943, *The Ship* (O Navio) no qual descreveu um dia de mar no cruzador inglês *Artemis* no Mar Mediterrâneo, uma franca apologia ao heroísmo do marinheiro britânico. Outro ponto notável nessa novela foi o seu detalhamento dos aspectos técnicos e táticos navais dos navios em combate, o que trouxe realismo a sua descrição. Entretanto o que Forester quis demonstrar nesse livro foi o heroísmo do marinheiro inglês quando enfrentando adversidades. Disse ele o seguinte sobre esse heroísmo:

A morte podia chegar sem defesa em qualquer lugar do passadiço. Entretanto a morte podia atingir em qualquer lugar do navio por que o aço que o construiu não era tão mais grosso que o papel. Mesmo um tiro de metralhadora podia penetrar se acertasse em ângulo reto...o navio era uma casca de ovo armado com marreta e sua missão em vida era dar sem receber. (FORESTER, 1943, p. 21).

Um pouco antes, em 1941, ele escrevera um livro sobre um capitão norte-americano de nome Josiah Peabody, comandante da fragata *Delaware* em luta contra os britânicos na Guerra de 1812 cujo título foi *The Captain from Connecticut* (O Capitão de Connecticut). Ao se ler o texto percebe-se claramente uma semelhança com a história da fragata *Constellation* dessa marinha. Peabody espelhava o comandante eficiente e competente em luta contra os ingleses. Em que pesce o seu objetivo explícito de agradar o público dos Estados Unidos da América, essa novela não teve o sucesso que ele esperava. A comparação com a série de Horatio Hornblower foi sentida pelo público e a crítica não o poupar. Um crítico do *Saturday Review* comentou que “os personagens [do livro] são suplementados por uma narrativa romântica, mas eles não têm profundidade e possuem apenas psicologia elementar” (JONES, 1941), uma crítica dura para quem esperava sucesso.

Em 1943 Forester encontrava-se a bordo do encouraçado norte-americano *Tennessee* navio capitânea do almirante Thomas Kinkaid que bloqueava as forças japonesas em Kiska nas Aleutas quando foi acometido de uma crise de reumatismo em suas pernas, que veio com o tempo a dificultar a sua locomoção e que faria com que ele vivesse até o fim de seus dias com o temor de uma amputação.

Em 1944 Forester se divorciou de Kathleen, no entanto três anos depois viria a se reencontrar com Dorothy Ellen Foster, uma antiga colega de Londres, filha de um industrial ligado a Marinha Mercante, e desse reencontro sairia seu segundo casamento. Dorothy foi uma companheira ideal para ele, pois era gentil, modesta e paciente, acompanhando Forester até o fim de seus dias.

Durante a Segunda Guerra Mundial Forester se engajou diretamente no esforço de guerra aliado contra as potências do Eixo, navegando em navios mercantes componentes de comboio, como também em navios de guerra para sentir “o clima” do combate. Essas experiências seriam posteriormente úteis quando ele escreveu dois livros que se tornaram referências na literatura naval que foram o *The Good Shepherd* (O Bom Pastor) de 1955 e *Hunting the Bismarck* (A Caça do Bismarck) de 1959. Nesse período de sua vida Forester conseguiu notoriedade, boas críticas literárias e uma boa quantia de dinheiro com seus livros.

Em 1948 ele escreveu a novela *The Sky and the Forest* (O Céu e a Floresta) no qual retornou a motivos africanos com a história de Loa, um rei africano de um local próximo a África Equatorial, possivelmente o Congo, no meio do século XIX. Loa é um jovem chefe tribal que tem poder de vida ou morte sobre seus súditos. A trama envolveu escravidão, desespero, dominação e retorno. Ao final Loa acabou morrendo, assim como sua aldeia foi destruída pela invasão do homem branco europeu. Um fim trágico para um personagem que significou a defesa de um modo de vida que sucumbiu pelas armas de um inimigo mais forte. Ao mesmo tempo em que Loa era ignorante, muitas vezes cruel, supersticioso e vã, ele personificou a superação na adversidade, a dignidade na morte e coragem para enfrentar o inevitável. Segundo Sternlich “o estudo de Forester sobre o Congo precisa ser comparada ao *Coração das Trevas* de Joseph Conrad de 1899. Ambos Forester e Conrad resolveram investigar a natureza do mal” (STERNLICH, 1999, p. 133).

Em 1950 Forester lançou o *Randall and the River of Time* (Randall e o rio do Tempo) no qual retornou a um tema lhe que era caro, a Grande Guerra de 1914. Nesse livro ele descreveu como personagem central Charles Randall, jovem que lutou pela Inglaterra nos campos de combate da França em 1917. A idade de Randall era semelhante a dele e no texto Forester se projetou nas ações do personagem, como que exorcizando na estória tudo que lhe foi negado fazer quando se alistou e foi rejeitado. Na trama Randall casou-se com Muriel, mulher inescrupulosa que acabou tendo uma relação extra-conjugal, culminando em uma luta, no qual Randall matou o amante de sua mulher. Ele foi preso e depois de um doloroso

julgamento acabou inocentado sob a alegação de legítima defesa. Randall então seguiu para uma nova vida nos Estados Unidos da América. Forester talvez imaginasse continuar a trama em um segundo volume, no entanto desistiu da empreitada.

Em 1953 Forester foi sondado pelo governo britânico para saber se ele receberia de bom grado a comenda de Cavaleiro do Império Britânico pela Rainha Elizabeth II em razão de suas realizações no campo da literatura naval inglesa. Ele declinou a comenda alegando que não a merecia. Sternlich acredita que ele não a aceitou, pois esperava maior reconhecimento de seu governo. (STERNLICH, p. 37)

Os anos 50 foram quase todos voltados para completar a saga de Horatio Hornblower, no entanto dois bons livros foram lançados no período, todos voltados para o campo naval. O primeiro de 1955 foi o *The Good Sheppard* (O Bom Pastor). Nele Forester descreveu as ações ocorridas durante 48 horas em um comboio aliado no Atlântico Norte durante a Segunda Guerra Mundial. Seu personagem foi o capitão-de-fragata Krause, comandante do contratorpedeiro norte-americano *USS Keeling*. Sua missão era escoltar um comboio de 37 navios mercantes em 1943 para a Inglaterra, contando com apenas quatro navios escoltas. O nome do livro provém da tarefa de Krause que era levar o rebanho são e salvo ao seu destino. Krause é um personagem interessante. Taciturno, divorciado, desgostoso com a profissão por ter sido preterido na promoção, certo de que ao terminar o conflito seria reformado, no entanto devotado ao serviço e ao seu dever, profundamente religioso e essencialmente determinado a cumprir sua missão.

Durante a travessia o comboio passou por diversas situações de perigo, no entanto Krause conseguiu cumprir apesar de tudo a sua missão com êxito. Forester descreveu a dura rotina de um comandante de escolta em um comboio durante a guerra, os momentos de horror, de espera e de sofrimento, mesclados com a alegria com o cumprimento do dever. Krause era o seu ideal de herói; a superação do homem solitário, seu tema fundamental. Esse regozijo é bem descrito por ele:

A sorte o fez órfão; a sorte o fez ser nominado por um senador. A sorte o colocou no comando de uma escolta de comboio. A sorte o fez o homem que era e deu a aquele homem a missão a ser cumprida. Agora ele estava dormindo. Ele podia se considerar feliz agora, deitado com os braços e pernas estendidos e o rosto voltado para a cama em seu camarote, totalmente inconsciente. (FORESTER, 1955, p. 310)

No ano seguinte ele escreveu *The Age of Fighting Sail: the Story of Naval War of 1812* (A Era do Combate a Vela: a história da Guerra Naval de 1812). Nesse interessante trabalho Forester contestou a visão de Theodore Roosevelt de que essa guerra entre os Estados Unidos da América e o Reino Unido foi uma vitória do primeiro em razão das ações de

pequenas unidades como as fragatas. Interessante nesse livro foi que muito do que ele discutiu baseou-se nas concepções teóricas de Alfred Mahan³ em seu muito comentado livro *Sea Power in its relations to the War of 1812.* (O Poder Marítimo e suas relações com a Guerra de 1812).

Esse livro teve grande aceitação no mercado editorial e lhe deu bons comentários na imprensa especializada. O crítico Henry Groff do *New York Times* escreveu que:

Este livro merece compor junto com os livros de Mahan e Roosevelt por delinear o papel da Guerra Naval de 1812 na busca dos Estados Unidos da América descobrir sua identidade nacional. Mais sugestivo na interpretação que os seus predecessores, ele aponta para as firmes conexões entre a história da guerra e o curso de sua conduta, entre combatentes e suas sortes e não menos entre a boa história e a boa narrativa. (GROFF, 1956, p. 7)

O último livro de Forester, que não da série de Hornblower, foi o *Hunting the Bismarck* (A caça do Bismarck) jde 1959. Ele tinha o propósito de descrever os últimos nove dias do encouraçado alemão *Bismarck* afundado pelos ingleses em 1941 no Atlântico Norte. Ele procurou retratar as últimas ações desse navio, procurando imaginar diálogos entre os participantes da ação. Como trabalho de história ele pecou pela abordagem e pelo método, no entanto ele procurou seguir a “grande” história do afundamento. Forester utilizou uma linguagem evocativa da grandeza do Poder Naval britânico, em face de um inimigo determinado como o alemão. Disse ele, logo no início da trama, que “essa era a história de chances desesperadas, de patriotismos exaltados e de grandes habilidades profissionais, uma peleja pelo domínio do mundo no qual vidas estavam em jogo no grande tabuleiro verde do oceano”. (FORESTER, 1959, p. 3).

Em 1961 Forester sofreu um enfarto e quase faleceu, o que o deixou ainda mais debilitado. Três anos depois sofreu um acidente vascular cerebral e toda a sua atividade intelectual ficou comprometida. Por cerca de dois anos ele sofreu praticamente impossibilitado de fazer o que mais gostava, escrever. No entanto continuava rascunhando lentamente as futuras aventuras de seu herói Hornblower. No dia 2 de abril de 1966 Forester sofreu novo ataque cardíaco e não resistiu, vindo a falecer logo em seguida. Estava terminando o seu décimo primeiro livro da série Hornblower, *Hornblower and the Crisis* que permaneceu incompleto.

Sua grande criação do heróico Hornblower havia morrido com ele, no entanto ele continua vivo entre os leitores nas diversas reimpressões da série que se seguiu. O que se

³ Alfred Mahan foi um teórico norte-americano que conceituou o que é chamado em geopolítica a teoria do poder marítimo.

pretende discutir em seguida é a criação, desenvolvimento e maturação de um herói da literatura naval britânica criado pela pena de Forester, Horatio Hornblower.

Horatio Hornblower, um herói naval solitário.

Forester criou Horatio Hornblower em 1937 com o livro *The Happy Return* (O Retorno Feliz). O que ele queria construir era um personagem heróico, oficial da Marinha Real britânica no período napoleônico, o seu favorito, em luta contra os franceses e espanhóis. Ele afirmaria em 1952 para um crítico que as novelas da série Hornblower eram psicológicas e que começaram com o seu interesse pelas questões do comando independente que para ele eram estudos de psicologia. (STERNLICH, 1999, p. 89). No entanto, mais que um estudo psicológico sobre as demandas de um comandante de navio inglês do período, a saga Hornblower ocorreu sob um pano de fundo totalmente histórico no qual Forester construiu seu personagem. Os fatos históricos construtores da narrativa ocorreram. Hornblower veio a se inserir nesses fatos.

Outro ponto interessante dessa série foi o caráter atemporal dos livros lançados. Inicialmente ele começou a série com um Hornblower como um capitão comandante de fragata no *The Happy Return* seguido do *A Ship of the Line* (Um Navio de Linha) de 1938 quando o personagem principal passou a comandar um navio de linha como capitão mais antigo. Em razão do sucesso da série, Forester teve que “construir” o seu herói desde a sua entrada na marinha com o propósito de lhe dar coerência. Assim escreveu em 1950 o *Mr Midshipman Hornblower* (Senhor Guarda-Marinha Hornblower) no qual descreveu a entrada do herói para a marinha em 1793, logo após o início da guerra contra a França. Um fato sugestivo nesse livro foi a data criada por Forester para o nascimento de Hornblower, 4 de julho de 1776, o início da Revolução Americana. (FORESTER, 1978, p. 11). Essa associação parece estar relacionada ao período em que Forester viveu nos Estados Unidos da América e sua admiração por esse país. Em 1954 Forester veio a escrever *Lieutenant Hornblower* (Tenente Hornblower), a continuação de sua carreira na marinha agora já como tenente, posto hierárquico imediatamente acima de guarda-marinha. Por fim em 1962 ele escreveu *Hornblower and the Hotspur* (Hornblower e o Hotspur) descrevendo o período de comando de Hornblower no HMS *Hotspur* em 1803 já como mestre e comandante, posto abaixo de capitão. Com esses três livros Forester conseguiu “ajustar” o hiato de tempo existente entre o nascimento de Hornblower e o *The Happy Return*, imprimindo uma seqüência lógica à vida do personagem.

O grau de veracidade das informações históricas que Forester imprimiu em seu relato na série foi tanta que muitos leitores ainda têm a firme convicção de que Hornblower efetivamente existiu. Dentro dessa idéia o escritor inglês Northcote Parkinson em 1970

publicou o livro *The Life and Times of Horatio Hornblower: a biography of C.S. Forester's famous naval hero* (A Vida e o Tempo de Horatio Hornblower: uma biografia do famoso herói naval de C.S. Forester), no qual, a partir dos livros de Forester, “construiu” uma suposta biografia desse personagem, inclusive com um suposto início de vida antes da entrada na Marinha Real, uma proposta de árvore genealógica e imagens de personagens e residências que teriam correlação direta com ele. Segundo o autor, algumas cartas e documentos foram “descobertos” em 1970 que trouxeram algumas informações sobre a vida de personagem ainda desconhecido na história naval britânica. Tal “afirmação” falsa de Northcote trouxe ainda mais mistério a um personagem nascido na mente de Forester, fazendo com que muitos acreditassesem tratar-se de um herói real. Pura ilusão textual de Northcote, amparado pela criatividade de Forester (PARKINSON, 2005, p.10).

Quais personagens Forester se baseou para construir o personagem Hornblower ? Inicialmente no grande herói britânico do período napoleônico, Horatio Nelson. Forester já havia, inclusive, escrito uma biografia sobre esse importante personagem naval britânico em 1929 e por ele guardava grande admiração. Algumas dessas características podem ser perfeitamente identificadas no texto. Nelson nasceu em 1758 e faleceu em 1805 durante a batalha de Trafalgar contra os franceses. Hornblower, assim como Nelson era capaz das maiores proezas em combate. Além disso guardava um predicado de confiança na superioridade do marinheiro inglês sobre os seus contendores franceses e espanhóis, assim como Nelson. Hornblower também era tímido com pouca experiência no trato de assuntos do coração. Há que se perceber que Nelson, em determinado período de sua vida, cometeu adultério com Emma Hamilton, a bela esposa do embaixador inglês no Reino das Duas Sicílias, Sir William Hamilton, um cavalheiro da velha estirpe, bem mais idoso que sua esposa. Um escândalo na corte inglesa se seguiu, principalmente pela passividade de Sir William com o relacionamento de sua esposa com o jovem almirante. No caso de Hornblower houve algo similar, embora o desfecho tenha sido mais “moralista”. Ele era casado com Maria, porém não sentia por ela um grande amor. Ao se encontrar com Lady Barbara Wellesley, irmã mais nova imaginária do duque de Wellington, Hornblower se viu envolvido por seus encantos. Nesse ponto Parkinson tem uma boa explicação para o relacionamento adúltero de Hornblower. Disse ele o seguinte:

Ele [Hornblower] evidentemente vivia com Maria, agora sem filhos, em 1809-1810 e a tratava com todo o respeito e consideração. Está claro que ele a considerava uma companhia desinteressante quando comparada com Lady Barbara. Foram ele e sua convidada [Lady Barbara] amantes a bordo do navio *Lydia* ? Tanto quanto se pode perceber das poucas evidências disponíveis, eles foram algo parecido com isso. Hornblower não podia suportar um escândalo nem poderia ofender os Wellesley, que estavam rapidamente ganhando importância. (PARKINSON, 2005, p. 170)

Forester resolveu poupar Hornblower do escândalo verdadeiro ocorrido com Nelson, possivelmente para preservar o seu herói de críticas que poderiam advir de seus próprios leitores.

Hornblower também era um solitário com seus dilemas e suas circunstâncias. Um comandante que sentia a sua solidão como um aspecto intrínseco da função de ser comandante. Nelson tinha esse tipo de sentimento muitas vezes, preferindo conversar com seu secretário pessoal a bordo da *HMS Victory* assuntos que requeriam uma decisão imediata. Em outras ocasiões Nelson reunia o seu “band of brothers” para discutir questões táticas, principalmente antes de grandes batalhas. Isso não significava dizer que ele fosse provido de uma personalidade extrovertida. A solidão muitas vezes foi sua companheira, assim como foi para Hornblower.

Forester também associou Hornblower a Nelson nas aquisições de bens terrenos como casas no campo, o primeiro com Smallbridge Manor e Boxley House e o segundo com Merton. Ambos personagens adquiriram os seus bens como fruto de suas conquistas no mar. Além disso ambos foram nomeados visconde pelo rei George III no caso de Nelson e Rainha Vitória no caso de Hornblower.

Um segundo personagem real que influenciou Forester a criar o seu Horatio Hornblower foi o almirante Thomas Cochrane, muito conhecido na história naval do Brasil por ter sido o criador da Esquadra brasileira e seu primeiro almirante.

Cochrane Lorde Dundonald nasceu um ano antes que Hornblower, em 1775 e foi um dos mais ousados comandantes de fragata da Marinha Real, atingindo o posto de almirante em 1851. Ao contrário de Nelson, que foi um exímio comandante de esquadra, Cochrane distinguiu-se por ser um excelente tático de pequenas unidades, como exatamente foi Hornblower. Embora tenha se envolvido mais diretamente com a política partidária inglesa que Hornblower, Cochrane tinha qualidades que Forester utilizou na construção de seu herói, tais como audácia e determinação e suas ações foram quase cópias das ações realizadas por Hornblower. Ambos entraram para a marinha com a mesma idade, 17 anos, Cochrane em 1792 e Hornblower em 1794 (em junho). Ambos faleceram quase com a mesma idade, Cochrane com 85 e Hornblower com 82 anos de idade. Forester chegou até a inserir seu herói na triste disputa entre Cochrane e Lorde Gambier, quando Hornblower foi envolvido na corte marcial que inocentou Gambier por uma denúncia partida de Cochrane. Hornblower foi chamado a testemunhar e procurou se afastar da denúncia. Segundo Forester, Hornblower não tinha boa impressão de Gambier, concordando com Cochrane, no entanto tampouco considerava que Cochrane fosse tão inocente como imaginado. Essa incursão de Forester na história naval real foi interessante e original.

Outro ponto comum entre esses dois personagens foi o aprisionamento de ambos por espanhóis, Cochrane depois de um combate contra três navios inimigos, enquanto

Hornblower foi preso após cercado por uma grande esquadra espanhola em 1797. Por fim, Hornblower comandou a esquadra britânica das Índias Ocidentais assim como Cochrane. Pontos importantes de contato explorados por Forester em sua criação.

A trajetória biográfica de Hornblower foi meticulosamente construída por Forester que aproveitou seus conhecimentos do *The Naval Chronicle* entre 1790 e 1820. Nessa publicação podia-se encontrar comentários sobre marinharia, tática naval, questões administrativas, artilharia e questões de rotina da Marinha Real britânica.

A saga de 11 livros sobre Hornblower deve ser lida na ordem cronológica de vida do herói naval, o que não corresponde à seqüência de escrituração de seus livros. O primeiro livro foi escrito treze anos após ao primeiro da série em 1937 e ele deve ser o primeiro a ser lido. Seu título *Mr Midshipman Hornblower* (O Guarda-marinha Hornblower) de 1950. Nele Forester descreveu o início da carreira de seu herói iniciada em junho de 1794 até março 1798. Nele Hornblower se apresentou a seu primeiro navio o *HMS Justinian* onde teve um início de carreira pouco promissora. Seu comandante era um oficial cansado e doente em um navio com a tripulação desmotivada. Nele Hornblower sofreu e chegou a se envolver com outro guarda-marinha em um duelo que quase terminou em desastre. De lá ele foi enviado para o *HMS Indefatigable* sob o comando do capitão Sir Edward Pellew. Aqui neste ponto Forester misturou fantasia, Hornblower, com a realidade o *Indefatigable* e Sir Edward. Figura histórica de renome, Pellew chegou a ser sagrado visconde e almirante da armada posteriormente. Aqui Hornblower aprendeu com Pellew o ofício de ser oficial de marinha e sua carreira decolou. Promovido por Pellew a tenente ele foi capturado pelos espanhóis quando levava um butim de guerra, a chalupa *Le Reve* para à Inglaterra. Depois de diversas peripécias Hornblower foi libertado e retornou à Inglaterra.

O segundo livro a ser lido é o *Lieutenant Hornblower* (Tenente Hornblower) de 1952. Ele abrange o período de maio de 1800 a março de 1803. Nele aparece o grande amigo de Hornblower, o também tenente William Bush. O navio do herói era o *HMS Renown* cujo comandante, o capitão Sawyer, era um sádico, detestado pelos oficiais. A trama foi levada até a beira de um motim quando Sawyer sofreu um acidente suspeito no qual Hornblower se viu envolvido. O comando do navio passou então ao imediato, tenente Buckland que atacou Santo Domingo nas Antilhas. O ataque correu mal e Hornblower se distinguiu no combate como salvador das ações. Na refrega Sawyer veio a falecer e Bush saiu gravemente ferido. O herói Hornblower foi promovido a mestre e comandante e levou uma chalupa tomada para à Inglaterra. Hornblower não foi confirmado na promoção e em seguida foi dispensado quando a guerra com a França terminou. Nesse livro Hornblower casou-se com Maria Mason, a filha de sua senhoria em Portsmouth e foi reconduzido a Marinha no posto de mestre e comandante em razão de nova guerra com a França napoleônica. Graças a sua boa relação com o almirante Lorde Parry, Hornblower recebeu um novo comando e a trama assim terminou.

O próximo livro a ser lido é o *Hornblower and the Hotspur* (Hornblower e o Hotspur) de 1962. Ele comprehende o período de abril de 1803 a julho de 1805. Nessa novela ele comandou a chalupa *HMS Hotspur* com Bush sendo o seu imediato. Sua missão era patrulhar a esquadra francesa em Brest. Ele se envolveu em um combate com uma fragata francesa e por meio de brilhantes manobras navais conseguiu se afastar com o seu navio menos poderoso. Em seguida atacou diversos navios transportes franceses que tinham a missão de invadir com tropas à Irlanda. Envolveu-se também em outro duelo com a fragata francesa *Felicite* e a derrotou. Nesse livro Maria deu à luz a um menino e logo após ficou grávida novamente. A história terminou com Hornblower sendo indicado para promoção a capitão, tendo que deixar o comando de sua querida *Hotspur*.

O quarto livro a ser lido é o *Hornblower and the Crisis* (Hornblower e a Crise) de 1967 que comprehende o período de agosto a dezembro de 1805. Hornblower passara o comando do *Hotspur* a um colega, o mestre e comandante Meadows que em seguida se envolveu em um acidente e perdeu o navio. Hornblower foi então chamado para a corte marcial e defendeu o seu sucessor que ao final foi apenas repreendido. Quando de seu regresso à Inglaterra eles foram atacados pelos franceses e após duro combate os ingleses tomaram posse do atacante e o levaram para Plymouth. Na refrega Hornblower conseguiu tomar os códigos navais inimigos e os entregou ao Almirantado. Por um ardil concebido pelo próprio Hornblower uma mensagem foi forjada para provocar a saída de Villeneuve do porto, no que depois redundaria na batalha naval de Trafalgar em outubro de 1805, vencida por Nelson. Forester mais uma vez conseguiu correlacionar o fato histórico com a ficção em uma trama bem elaborada. Interessante mencionar que esse livro não foi terminado por Forester, deixando apenas notas que foram compiladas para a publicação.

O quinto livro que deve ser lido em seqüência é o *Hornblower and the Atropos* (Hornblower e o Atropos) de 1953. Nele Forester incluiu ações entre dezembro de 1805 e janeiro de 1808, isto é o período abrangido logo após a batalha de Trafalgar que resultou na morte de Nelson. Neste livro Hornblower assumiu o comando de uma pequena chalupa chamada de *Atropos*, embora já fosse capitão e logo disponível para um comando de maior porte. Como comandante desse navio ele recebeu a incumbência de organizar e transportar o féretro do enterro de Lorde Nelson no rio Tâmisa. Mais uma vez Forester mescla fatos reais com a ficção incluindo o seu personagem no centro da trama histórica. Nesse ínterim Maria deu à luz a uma menina. Após o enterro, o rei George III solicitou que Hornblower tivesse sob sua responsabilidade no *Atropos* o seu sobrinho o Príncipe Seitz-Bunau, um jovem guarda-marinha. Em seguida seguiu com seu navio para o Mediterrâneo onde se envolveu em diversas aventuras contra os turcos, espanhóis e franceses. Após servir com o rei das Duas Sicílias, Hornblower regressou à Inglaterra onde obteve o comando da fragata *HMS Lydia*, um desejo de longa data. Seguiu em seguida para Portsmouth onde encontrou Maria e seus dois filhos doentes com varíola quando a história terminou.

O sexto livro, *The Happy Return* de 1937, foi efetivamente o primeiro da série escrito por Forester. Ele abrange o período de junho a outubro de 1808. Foi esse o livro que deu origem ao filme *O Falcão dos Mares* de 1951 estrelado por Gregory Peck no papel de Hornblower. Nesse volume Hornblower era o comandante da fragata *Lydia* com a missão de seguir para a América Central para apoiar um comandante local que se auto-intitulava El Supremo e estava em luta contra a Espanha, inimiga do Reino Unido. No processo Hornblower capturou um navio espanhol entregando-o a El Supremo. Em seguida descobriu que a Espanha saíra do jugo francês e se aliara ao Reino Unido. O herói então afundou esse navio, depois de intenso combate contra El Supremo que se voltara contra ele. Nesse período ele se encontrou com Lady Barbara Wellesley, irmã do duque de Wellington e a transportou na *Lydia* de volta à Inglaterra. Na viagem ambos se apaixonaram e Hornblower não teve coragem para assumir o romance com receio do escândalo que poderia advir. Aqui Forester se baseou no relacionamento Nelson com Emma, porém sem as repercussões desse caso, pois houve nessa relação um grande escândalo no Reino Unido. Pode-se presumir também que ele tenha se baseado em seu próprio casamento que não ia bem e viria a se divorciar em 1944. Assim a estória por ele imaginada retratava a realidade em que vivia na ocasião. Ao final da estória Hornblower voltou para Maria pensando em Barbara.

O sétimo livro recebeu o título de *A Ship of the Line* (Um Navio de Linha) e foi escrito no ano seguinte. Ele compreende o período de maio a outubro de 1810. Hornblower agora era comandante de um navio de linha de 74 canhões, o *HMS Sutherland*. Seu comandante de esquadrão era o contra-almirante Sir Percy Leighton, marido de Lady Barbara Wellesley. Ambos nutriam uma grande antipatia mútua, possivelmente em razão da relação anterior de Barbara e Hornblower, do conhecimento de Sir Percy. O herói de Forester se envolveu em uma série de aventuras, quando ele obteve cinco vitórias em três dias, culminando em um ataque contra as fortificações francesas em Rossas, onde quase Hornblower morreu. O ataque fracassou redondamente e Hornblower caiu prisioneiro dos franceses e seu navio foi destruído no ataque. O livro terminou com Hornblower em um cativeiro francês.

O oitavo livro *Flying Colours* (Bandeiras tremulando) de 1938 encontra o herói ainda prisioneiro dos franceses e cobre o período de novembro de 1810 a junho de 1811. Por ordem de Napoleão, Hornblower foi enviado, com muitos de seus subordinados, inclusive o seu imediato Bush para serem julgados em Paris por “atos de pirataria”, esperando-se que fossem executados. No caminho eles conseguiram escapar e então ele se encontrou com o conde de Graçay, inimigo declarado de Napoleão e sua cunhada viúva Marie que se tornaria sua amante. Depois de diversas aventuras ele conseguiu chegar à Inglaterra onde recebeu a triste notícia de que Maria morreu no parto de seu filho Richard. Descobriu também que Sir Percy morrera, deixando Lady Barbara viúva e disponível. Pela perda da *Sutherland* ele foi inocentado e investido logo em seguida como cavaleiro da Ordem do Banho pelo Príncipe Regente. Lady Barbara tomou seu filho Richard sob sua proteção e o livro termina com Hornblower se encontrando com ela.

O nono livro foi escrito por Forester em 1945, estando Hornblower já casado com Lady Barbara e no posto de comodoro, por isso o livro chamou-se *Commodore Hornblower* (Comodoro Hornblower), abarcando o período de abril a dezembro de 1812. Recebeu ele então um comando no Báltico onde passou a fustigar as forças francesas naquela região. Nesse livro Hornblower se reuniu com o Czar Alexandre em luta contra Napoleão e se encontrou com o coronel Carl Von Clausewitz, o grande teórico militar que viria a modificar os conceitos sobre a guerra com o seu clássico livro *Da Guerra*. Forester deve então ter tomado conhecimento da obra de Clausewitz e novamente mesclou fatos reais com a ficção. Na trama Hornblower conseguiu convencer os prussianos a abandonarem a coligação com Napoleão e se aliarem aos ingleses, mesclando Forester novamente a ficção com a realidade. No processo Hornblower contraiu tifo e foi transferido para a Inglaterra onde se reencontrou com Lady Barbara.

O décimo livro escrito em 1946 levou o título de *Lord Hornblower* (Lorde Hornblower) e compreendeu o período de outubro de 1813 a maio de 1814. Nesse livro o herói participou como mediador em um motim envolvendo um navio inglês que se entregou aos franceses. Através de um ardil do tipo realizado por Cochrane no Maranhão⁴, ele conseguiu recuperar o navio amotinado no porto de Le Havre. Em seguida conseguiu que a municipalidade dessa cidade francesa se aliasse aos ingleses em troca de vantagens comerciais. Hornblower foi então designado governador, aliado a um duque da família Bourbon, inimiga de Napoleão. Nesse ínterim Napoleão foi derrotado e ele foi elevado a Lorde Hornblower de Smallbridge em razão de seus feitos em Le Havre. Lady Barbara seguiu para Viena como representante da Inglaterra sob indicação de seu irmão Duque de Wellington. Hornblower, por razões pessoais, recusou-se a acompanhá-la. O casamento estava indo mal. Então ele descobriu que Napoleão escapara da Ilha de Elba e novos combates ocorreram. Ele se reencontrou com o duque de Graçay e sua cunhada Marie quando então reataram a relação amorosa, um segundo adultério de Hornblower. Forester aqui se baseou em Nelson novamente. Todos foram capturados pelos franceses e Marie foi morta. No momento da execução foi descoberto que Napoleão fora derrotado definitivamente por Wellington e assim os cativos foram libertados.

O último livro da saga de 1958 levou o título de *Hornblower in the West Indies* (Hornblower nas Índias Ocidentais). Ele cobre o período de maio de 1821 a outubro de 1823. Hornblower agora era um contra-almirante e comandante do esquadrão das Índias Ocidentais. Nessa novela Hornblower descobriu que muitos franceses queriam resgatar Napoleão de Santa Helena e convenceu o general francês Cambonne de que Napoleão já estava morto, fato que se confirmaria logo depois. Ele se envolveu com Simon Bolívar nas lutas de libertação da América Latina, mesclando Forester novamente a realidade com a

⁴ Cochrane no comando de uma força naval na Guerra da Independência do Brasil conseguiu por meio de um ardil, mencionando que forças navais aliadas estavam se aproximando, induzir as tropas leais a Portugal no Maranhão a aderirem à independência.

ficção. Ele e Lady Barbara se reconciliaram e se encontraram em Kingston, quando ele foi exonerado de seu comando. No seu regresso à Inglaterra o navio em que estavam se viu envolvido em um furacão no Caribe e só graças a perícia de Hornblower o navio se salvou. Ao final do livro Lady Barbara e Hornblower se reencontraram definitivamente e Forester dá a entender que viveram juntos até o fim de seus dias. E assim a saga Hornblower se encerrou.

Forester ainda escreveu algumas histórias complementando passagens da vida de Hornblower, como por exemplo o texto *The Last Encounter* (O Último Encontro) publicado como um capítulo no livro *Hornblower and the Crisis*, ou o texto *Hornblower's Charitable Offering* (O Oferecimento Caridoso de Hornblower) escrito no periódico *Ardosy* de maio de 1941 ou *Hornblower and His Majesty* (Hornblower e sua Majestade) publicado no periódico *Collier* de 23 de março de 1940 e por fim o artigo *The Point and the Edge* (A Ponta e a Borda) no livro *The Hornblower Companion* de 1964, no qual relatou as viagens realizadas pelo herói. Enfim, uma saga de um herói criado por ele para destacar a importância do homem comum nos destinos da história. Nesse ponto Forester foi inigualável na literatura naval britânica.

Considerações Finais

Horatio Hornblower foi uma criação de Forester. Seu primeiro nome possivelmente derivou-se de Nelson que também era Horatio, enquanto seu sobrenome deve ter sido cunhado em homenagem a um produtor de cinema norte-americano Arthur Hornblow Junior com quem Forester manteve contato enquanto viveu nos Estados Unidos da América. Hornblower, como imaginado por Forester, era um personagem que sentia os efeitos do mar, principalmente no início de suas viagens, taciturno, muitas vezes solitário, introspectivo, de difícil relacionamento com suas esposas, com séries problemas de auto-imagem e incapaz de perceber a admiração que seus subordinados por ele sentiam. No entanto era dotado de grande coragem pessoal e moral, leal a seu país e ao seu rei, com profundo senso do dever e ótimo desempenho como marinheiro e como profissional do mar. Abominava a chibata como meio de coerção aos marinheiros faltosos, no entanto acreditava que sendo regulamentar e legal deveria ser usada sempre que a disciplina fosse conspurcada, fato para ele extremamente grave.

Dotado de uma grande capacidade de resolver questões de matemática distinguiu-se como um exímio navegador. Bom leitor de literatura clássica, era versado em grego, latim e francês Hornblower parece ao leitor comum um homem como qualquer outro. Provindo de uma família de classe média em Kent ascendeu a almirante-de-esquadra e a lorde barão e

depois visconde, fato pouco comum na Marinha Real britânica do período napoleônico que privilegiava a ascensão da classe aristocrática e as conexões sociais.

Forester em sua saga Hornblower incluiu fatos históricos na trama, muitas vezes posicionando seu herói como personagem importante no evento, o que agregou um colorido mais emocionante a estória sendo contada. Personagens como Lorde Collingwood, segundo em comando de Nelson em Trafalgar, Lorde Gambier, Thomas Hardy, Sir John Jervis, Sir William Cornwallis, Sir James Saumarez e Sir Edward Pellew são introduzidos na estória assim como o Czar Alexander I, o rei George III da Inglaterra , Carl Von Clausewitz e o Príncipe regente William passearam com Hornblower na trama e com ele mantiveram contato. Enfim, a série tem sido um sucesso de vendagem de livros no mercado editorial mundial.

No cinema foi retratado por Gregory Peck como Hornblower e Virginia Mayo como Lady Barbara em 1951. Entre 1998 e 2003 com produção da britânica ITV e A&E houve uma série com o título *Horatio Hornblower* sob a direção de Andrew Grieve, estrelando como Hornblower o ator galês Ioan Gruffudd, um grande sucesso na televisão inglesa.

Forester ao descrever a biografia de seu herói idealizado parece ter cumprido aquilo que Mikhail Bakhtin cunhou de narrativa biográfica aventuresca-heróica, ao correlacionar o biógrafo, no caso Forester, com o seu biografado Hornblower. Para Bakhtin o biógrafo estava muito próximo de seu herói, pois os “dois como que poderiam trocar de lugar e por essa razão era possível a coincidência pessoal entre o personagem e o autor” (BAKHTIN, 2010, p. 139). Para esse autor russo o biógrafo partia do mesmo interesse pela aventura, o personagem agia heroicamente e o autor o heroificava do mesmo modo, assim o biógrafo nem sempre coincidia ou concordava com o pensamento do biografado, eles “eram dois” independentes, no entanto entre eles não havia contraposição de princípios e ambos pertenciam ao mesmo universo de valores. (BAKHTIN, p. 151) Forester e Hornblower tinham muito em comum e Forester muitas vezes nele se projetou.

Cecil Forester se posicionou como um destaque na literatura naval britânica contemporânea e seus livros foram lidos por Ernest Hemingway assim como Winston Churchill que achava “Hornblower admirável” (CHURCHILL, 2005, p. 382). Certa vez Forester disse o seguinte:

Vai haver o tempo quando eu for um velho, um fardo para meus filhos e um inconveniente para minha esposa, derivando em senilidade em direção a cova no qual eu mesmo não considerarei como um descanso caridoso. E quando eu morrer poderá ocorrer um parágrafo ou outro nos jornais e algumas pessoas ainda não nascidas que lerem essas passagens dirão ‘C.S. Forester ? Oh, sim, eu já li uma ou outra de suas novelas’ e virarão as páginas do jornal para a seção de esportes. Depois

disso meu nome permanecerá no catálogo da sala de leitura do Museu Britânico em um espaço no início de uma longa lista de livros que ninguém pedirá para ler. (FORESTER, 1967 a, p. 172).

Ao contrário, com certeza os livros de Forester, tendo Hornblower como figura de proa, continua a nos emocionar e entreter quarenta e oito anos após a sua morte.

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Trad: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

CHURCHILL, Winston. *The Grand Alliance*. London: Penguin, 2005.

DRUON, Maurice. *Os Reis Malditos*. 7 vol. Trad: Nair Lacerda. São Paulo: Difel, 1983.

FORESTER, C.S. *Brown on Resolution*. London: John Lane the Bodley Head, 1929a.

----- . *Lord Nelson*. Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1929b.

----- . *The Happy Return*. Boston: Little Brown, 1937.

----- . *A Ship of the Line*. Boston: Little Brown, 1938.

----- . *Flying Colours*. Boston: Little Brown, 1938.

----- . *The Ship*. Boston: Little Brown, 1943.

----- . *The Commodore Hornblower*. Boston: Little Brown, 1945.

----- . *Lord Hornblower*. Boston: Little Brown, 1946.

----- . *Mr Midshipman Hornblower*. Boston: Little Brown, 1950.

----- . *Lieutenant Hornblower*. Boston: Little Brown, 1952.

----- . *Hornblower and the Atropos*. Boston: Little Brown, 1953.

----- . *The Good Shepherd*. Boston: Little Brown, 1955.

----- . *Hornblower and the West Indies*. Boston: Little Brown, 1958.

- . *Hunting the Bismarck*. London: Michael Jordan, 1959.
- . *Hornblower and the Hotspur*. Boston: Little Brown, 1962.
- . *The Hornblower Companion*. Boston: Little Brown, 1964.
- . *Hornblower and the Crisis*. Boston: Little Brown, 1967.
- . a - *Long Before Forty*. Boston: Little Brown, 1967.
- GROFF, Henry. *Brave Ships, Iron Men*. New York: New York Times Book Review, jul, 8, 1956.
- JONES, Howard Mumford. *Saturday Review*. Junho, 14, 1941.
- McGREGOR, Tom. *The Making of C.S. Forester's Horatio Hornblower*. New York: Harper Entertainment, 1999.
- NEW YORK BOOK REVIEW. 27 de Agosto 1933.
- O'BRIAN, Patrick. *Master and Commander series*. 21 vol. London: W.M. Norton & Company, 1989.
- PARKINSON, C. Northcote. *The Life and Times of Horatio Hornblower: a biography of C.S. Forester's famous naval hero*. New York: McBooks Press, 2005.
- PLAIDY, Jean. *Saga Plantageneta*. 14 vol. Trad: Luiz Carlos do Nascimento Silva. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2007.
- STERNLICHT, Sanford. *C.S. Forester and the Hornblower Saga*. Syracuse: Syracuse University Press, 1999.

Texto recebido em 6 de agosto de 2013 e aprovado em 26 de outubro de 2014